

**ASPECTOS ESPECÍFICOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA
EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL EM ALTAMIRA – PA:
revisitando a prática docente**

Léia Gonçalves de Freitas¹ – leiafreitas@ufpa.br
Jorge Manoel Adão² – jorgeadao@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho discute as especificidades do saber-fazer pedagógico dos professores do ensino fundamental em Altamira – Estado do Pará (PA). É fruto da dissertação de Mestrado em Educação, Linguagens e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Nosso problema de pesquisa é verificar de que forma os conteúdos sobre História e Cultura Afro-brasileira estão inseridos no cotidiano escolar. Esta pesquisa ainda está em andamento, mas já acena para possibilidade de que, pela via da educação pública de qualidade, promove-se a equidade social de gerações inteiras.

Entretanto, no âmbito da educação e relações étnico-raciais negras, principalmente, desde a década de 1980, diversas pesquisas evidenciam que os estabelecimentos escolares tendem a perpetuar o preconceito e a discriminação racial contra crianças e jovens negros. Isto é, professores e gestores tendem a silenciar e negar que o espaço escolar além de reproduzir as desigualdades sociais, também perpetua as desigualdades raciais, o preconceito racial e o racismo institucionalizado contra crianças e jovens negros(as).

As pesquisas têm evidenciado a atuação da escola como reprodutora e geradora de desigualdades, conforme explicita Cavalleiro (2001), Munanga (2001), Gomes; Gonçalves e Silva (2006), dentre outros autores. Porém, o contexto educacional, ao desenvolver práticas pedagógicas democráticas e anti-racista, suscita processos de reconhecimento, identidades e formação crítica da realidade (PINHO, 2011), bem como o reconhecimento de pertencimento étnico.

Revisão de Literatura

Garcia (1995 *apud* GOMES; SILVA, 2006, p. 14) “salienta que a formação de professores deve proporcionar situações que possibilitem a reflexão e a tomada de consciência

¹ Pós-graduanda do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás-Anápolis (GO).

² Professor do Curso de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás-Anápolis (GO).

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão docente”. Assim sendo, esses autores (id. ib., p. 15) asseveram que,

independentemente das concepções adotadas e das imagens assumidas, há que ter presente que o formar-se professor dá-se num processo contínuo, seja nas fases distintas do ponto de vista curricular realizadas durante a formação inicial, seja na progressiva educação, proporcionada pelo exercício da profissão. Em outras palavras, trata-se de um processo que tem de manter *princípios éticos, didáticos e pedagógicos comuns independentemente do nível de formação e da fase em que seja desenvolvido*. (2006, p. 15, grifo nosso).

Nesse sentido, há que se manter o vínculo entre a formação inicialmente recebida nas instituições de ensino e a aquela que ocorre durante o percurso da vida profissional. Notadamente, pelo fato de que a formação inicial pode oferecer aos professores(as) um importante referencial, a partir dos quais eles(as) vão (re)construindo sua prática pedagógica. Segundo Hilda Monteiro (2001 apud GOMES; SILVA, 2006, p. 15), manter esse vínculo significa

respeitar os saberes de que os professores e professoras são portadores”. Assim, importa destacar que “os/as professores/as ao se inserirem no processo de formação inicial, já trazem consigo valores, conhecimentos e competências acerca do universo profissional e social em que irão atuar, embora muitas vezes construídos a partir de preconceitos e estereótipos.” (GOMES; SILVA, 2006, p. 16).

Nos dizeres de Valente (2005),

De nada adianta dispor de livro didático e currículo apropriados se o professor for preconceituoso, racista, e não souber lidar adequadamente com a questão. Uma proposta de formação/capacitação dos professores para trabalhar com a temática é capaz de enfrentar o desafio lançado para a implementação da lei nº 10.639 [...]. (BRASIL, CONGRESSO NACIONAL, 2003, p. 63).

Ressaltamos que os profissionais que atuam no ambiente escolar, bem como nos demais espaços educativos, sempre trabalharam e sempre trabalharão com as semelhanças e as diferenças, as identidades e as alteridades. Dessa forma,

mais do que criar novos métodos e técnicas para se trabalhar com as diferenças é preciso, antes, que os educadores e as educadoras reconheçam a diferença enquanto tal, compreendam-na à luz da história e das relações sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira, respeitem-na e proponham estratégias e políticas de ações afirmativas que se coloquem radicalmente contra toda e qualquer forma de discriminação. (GOMES; SILVA, 2006, p. 19-20).

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

Desigualdades raciais estão presentes em todas as modalidades e níveis de ensino do sistema educacional brasileiro e têm se perpetuado ao longo dos anos. Considera-se, pois, urgente à tarefa de se investigar a respeito de questões relacionadas às relações étnico-raciais negras na visão dos professores e de sua prática docente. Posto que um dos grandes desafios para a concretização da integração da educação profissional com a educação básica nas comunidades e instituições escolares é a formação de profissionais, especialmente de docentes. Esse campo específico de conhecimento exige formação específica dos professores que nele vão atuar.

Essa formação foi o eixo norteador desta pesquisa que ainda está em andamento. Porém, um olhar sobre a prática pedagógica destes professores em Altamira – PA nos permitiu afirmar ainda que provisoriamente que há uma preocupação grande com a inclusão de crianças negras no contexto da escola e especificamente da sala de aula, sobretudo no que tange os estudos mais gerais da Lei 10.639/03 e dos conteúdos sobre História e Cultura Afro-brasileira.

Percebemos isso através das observações feitas na sala de aula do 6º ano, em que realizamos uma descrição detalhada dos elementos que compõem uma situação cotidiana com auxílio do diário de campo. Contudo, sabemos que o recorte de algumas situações do dia-a-dia em sala de aula aconteceu, pois nem todos os elementos estão presentes nesta descrição e análise, haja vista que a pesquisa ainda está no início e vários outros elementos precisam ser estudados e confrontados teoricamente para melhor resultado.

É importante salientar que as aulas observadas foram apenas dos professores de uma escola municipal na periferia da cidade e dos professores que ministram as disciplinas Língua Portuguesa, Artes e História. No primeiro dia de observação na sala de aula do 6º ano, os alunos estavam organizados quase sempre em fileiras de acordo com o tamanho dos mesmos. Outras vezes se faziam círculos, isso variava de acordo com a professora. Ambas as professoras observadas participaram do EREER, uma tinha formação em Letras e a outra em História. Apesar disso, a professora de Língua Portuguesa diz ainda ter receio de abordar a questão da História afro-brasileira especialmente em relação à cultura e religião dos negros. Ela afirma que ainda é um tabu falar da religião africana porque esta é tida como macumba, espiritismo e “coisas ruins” (Professora de Língua Portuguesa). No entanto, para ela, o curso de especialização foi fundamental para seu conhecimento profissional.

Observando uma de suas aulas em que trabalhava o livro ‘O cabelo de Lelê’, de Valéria Belém, livro que aborda discussão sobre a identidade étnico-racial negra a partir das análises positiva da *africanidade*, pude perceber que a professora ia contando a história ao mesmo tempo que envolvia as crianças com discussões sobre respeito e diferença. As crianças ficaram maravilhadas. A professora, mesmo reconhecendo as experiências sociais, o preconceito, as diferenças culturais, reconheceu que os recursos disponíveis para tal atividade ainda são insuficientes. Isso porque esta contava com apenas três exemplares de livros o que segundo a professora prejudicou seu planejamento. Esta policopiou os referidos livros, com seu dinheiro, e distribuiu aos seus alunos.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

O destaque foi o comentário da professora de História “acho que os alunos da escola de periferia são mais preconceituosos que os da escola do centro. Concorda? apesar de que nesta escola não tem preconceito nem entre os alunos, nem entre os professores.” Esta visão de não preconceito no ambiente escolar, segundo Oliveira (2003), é acrítica e perigosa, pois ela relaciona a questão do preconceito racial apenas à situação social dos alunos, não que esta não interfira. Para Brandão (2003, p. 29),

A vivência da pobreza e da discriminação que se manifesta no cotidiano da grande maioria dos afro-descendentes, seja pelo local de moradia, da falta de bens de consumo visualizados diariamente, da violência a que são submetidos etc., impõem uma ‘urgência material’, que elimina o espaço do sonho de prestígio e ascensão.

A falta de prestígio e ascensão social para este autor está associada ao preconceito racial brasileiro que é no “plano das representações da “cor” (BRANDÃO, 2003, p. 21) dos sujeitos. Já em relação ao ensino dos conteúdos sobre História e Cultura Afro-brasileiras a professora de História diz não ter problemas para trabalhar, pois os apresentam de forma dinâmica e contextualizada, busca refletir a importância dos negros para economia, cultura e desenvolvimento dos pais, especialmente no Pará.

Observando uma de suas aulas percebemos que ela valorizava a história de vida de cada aluno. As oito crianças negras (parda e preta) da turma se sentiram valorizadas. Em uma das aulas a professora fez uma atividade chamada por ela de “dia especial”. Neste dia as crianças falavam de sua origem, pratos preferidos, da família, das brincadeiras e da sua religião. Esta atividade motivou muito as crianças e resgatou o (re)conhecimento do seu grupo social e a própria identificação racial. Para Oliveira (2003) esse (re)conhecimento de suas origens é fundamental para uma afirmação positiva desses sujeitos. Ao trabalhar as diferenças os professores combatem a valorização de determinados conhecimentos, que considera a história do homem branco como padrão. Canen (2009) considera isso como cultura escolar dominante, que precisa ser analisada e questionada por meio do multiculturalismo crítico.

Metodologia

A escolha da fenomenologia com abordagem qualitativa ocorreu por concordamos com Masini (2004, p. 63) ao afirmar que

A Pesquisa Fenomenológica, parte da compreensão de nosso viver – não de definições e conceitos – da compreensão que orienta a atenção para aquilo que se vai investigar. Ela permite ao pesquisador maior inventário das essências dos fatos pesquisados, bem como de suas funções. Para o fenomenólogo nenhuma análise é definitiva e acabada, pois o real contém infinitudes de essências (BRUYNE, 1977, p. 79).

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

E o pesquisador ao levantar problemas e hipótese, selecionar conceitos, com vista à elaboração teórica, garante a fecundidade sempre renovada da sua pesquisa. Quanto à abordagem qualitativa optamos por base teórica os estudos de Alves-Mazzotti & Gewandszajder (1999), Gil (2002), Boni, Quaresma (2010), Lüdke, André (2012), Oliveira (2007) e André (1995, p. 17) que “defende uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíproca”. Os procedimentos e técnicas metodológicas adotadas foram à observação feita no mês de janeiro de 2013, entrevista semi-estruturada, estudo bibliográfico. Pesquisamos duas professoras com formação em Letras e História, lotadas no 6º ano de uma escola da rede municipal de ensino. Ambas são egressas do curso que ocorreu no âmbito do Programa de Formação em Educação para as Relações Étnico-Raciais – EREER, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA, na cidade de Altamira interior do Estado do Pará - PA, nos anos de 2010 e 2011.

Os critérios para a escolha dos professores foram: (a) atuação efetiva em sala de aula trabalhando com as disciplinas de História, Artes e Língua Portuguesa por contemplar a Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana; embora, pensamos que todas as áreas do conhecimento devam trabalhar conhecimentos sobre a população negra e indígena; (b) atuação no ensino fundamental da zona urbana do município de Altamira – PA; (c) e, ser efetivo da Secretaria Municipal de Educação.

Conclusão

Em conversa com as professoras, após observação das aulas, identificamos que a questão das relações étnico-raciais negras tem acontecido na escola estudada ainda de forma tímida, já que em seu Projeto Pedagógico estes estudos aparecem como proposta de trabalho através de projetos de aprendizagem nas datas comemorativas (13 de maio- Dia Nacional de Denúncia contra o Racismo, 20 de novembro será celebrado - Dia Nacional da Consciência Negra e 21 de março - Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial); e, em ações isoladas das professoras que participaram do EREER. Contudo os conteúdos sobre História e Culturas Afro-brasileira e Africana estão inseridos no cotidiano escolar, apesar da complexidade do saber-fazer dos docentes.

Percebemos ainda, por meio das observações realizadas, que as professoras têm modificado sua prática pedagógica para a inclusão de alunos negros(as) na escola. Suas vozes demonstraram que o EREER contribui para sua formação em Educação para as Relações Étnico-raciais negras, apesar do atual contexto educacional brasileiro ter sido marcado, no que se refere à formação docente, por conflitos.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

Conflitos esses divididos em dois movimentos: 1) que atribuem ao espaço formativo, a função de preparar futuros professores nas competências entendidas como centrais em um mundo globalizado; 2) e aqueles que compreendem tal espaço como campo discursivo com potenciais de atuação na construção de identidades docentes críticas, comprometidas com a valorização da pluralidade cultural (CANEN, 2009).

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2012.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. In: **Em Tese**. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 nº 1, janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <http://www.emtese.ufsc.br/3_art5.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.

BRANDÃO. André Augusto Pereira. Raça, demografia e indicadores sociais. In: OLIVEIRA. Iolanda (Org). **Relações raciais e educação: novos desafios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BRUYNE, Paul de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica**. Rio de Janeiro. F. Alves, 1977.

CANEN, A. Pesquisando multiculturalismo e pensando multiculturalmente sobre pesquisa na formação docente: uma experiência de currículo em ação. In: ANPED, 2005. **28ª Reunião Anual**, 2005, Caxambu, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/inicio.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismos na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G. (Org.) **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p. 61-67.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica, 2001.

OLIVEIRA, Iolanda (Org). **Relações raciais e educação: novos desafios**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINHO, Vilma Aparecida de. Escolarização de alunos negros: percepções, expectativas e trajetórias no contexto de Altamira – PA. Belém: UFPA, 2011 (*no prelo*).

VALENTE, A. L. Ação afirmativa, relações raciais e educação básica. In: **Revista Brasileira de Educação**. Nº 28. Jan /Fev /Mar /Abr 2005, p. 62-76.